

A TEORIA FREUDIANA DA FORMAÇÃO DE GRUPOS FASCISTAS SEGUNDO ADORNO E O AUTORITARISMO NAS ESCOLAS

THE FREUDIAN THEORY OF FASCIST GROUP FORMATION ACORDING TO ADORNO AND AUTHORITARIANISM IN SCHOOL

Sônia de Lourdes Assuino MATHIAS¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo discutir a formação de grupos autoritários nas escolas públicas de educação básica e sua relação com “A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista”, texto escrito por Theodor W. Adorno em 1.951, ao abordar o *ingroup* e a busca pela eliminação dos elementos do *outgroup*. Muitas pessoas, individualmente ou em grupos, ao mesmo tempo em que estão em uma busca constante pela admiração e pelo reconhecimento das suas ações, convivem com a presença da culpabilidade que se impõe ao grupo e ao indivíduo. O texto busca demonstrar que os conflitos com origens dentro das escolas se recriam com o tempo e estão em constante movimento, podendo ser administrados de forma democrática ou adquirir um caráter autoritário, de vocação fascista, por pessoas do cotidiano escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Escola. Fascismo. Grupos.

INTRODUÇÃO

O tema apresentado tem origem nos debates realizados acerca da problematização trazida por Adorno (1951) ao estudar a teoria freudiana da psicologia de massa a partir do *ingroup* e *outgroup* e vai ao encontro das preocupações que surgem nas pesquisas acadêmicas relacionadas às escolas de educação básica de uma forma geral, principalmente quando se trata dos conflitos nelas existentes.

Esses conflitos presentes nas escolas de educação básica fazem parte de um contexto histórico muito mais amplo, não podendo ser atribuído apenas ao modelo de escola que se tem hoje, mas são resultantes das relações humanas existentes ao longo dos tempos. E, em se considerando que a história está em movimento permanente, pode-se considerar também que os conflitos se recriam e são mais evidentes em alguns momentos que em outros, se alternando como as estações do ano.

Ao apresentar as características que levaram governos fascistas ao poder com o apoio popular, através da manipulação das massas, e ao fazer um paralelo com as escolas de educação básica, pretende-se mostrar, em situações pontuais e mais próximas do cotidiano, como os ideais do autoritarismo permanecem enraizados na rotina das escolas e suas possíveis consequências.

¹ Mestre em Educação pela Unesp-Marília. Endereço eletrônico: soniaamathias@gmail.com

O FASCISMO, SUAS ORIGENS E CARACTERÍSTICAS

O fascismo ganhou destaque no início do século XX na Europa, influenciado pelo sindicalismo nacional existente na Itália. Usando de radicalismo político, combinando elementos de política de esquerda ou de direita, por meio de um governo autoritário, o fascismo se fez totalitário, conseguindo promover um estado forte com ênfase no militarismo e na veneração do Estado, apresentando à população a imagem de um líder forte e adotando um inimigo a ser combatido.

De modo geral, o fascismo é identificado como o regime italiano do período entre guerras, que se aproveitou do momento de fragilidade pelo qual passava o povo, que trazia em sua identidade características nacionalistas, determinadas pela unidade de raça, língua, cultura e território, em uma nação que se encontrava destrozada por conta do final da Primeira Grande Guerra. Derrotados, os italianos sofreram ainda a humilhação do não cumprimento dos acordos celebrados com os países vencedores, e este sentimento, aliado ao seu nacionalismo, criou as condições para que se estruturasse na Itália o regime fascista.

O fascismo tem suas origens no ano de 1919, porém ganha força em 1922, com a chegada de Benito Mussolini ao poder, onde permanece até o ano de 1943. Mussolini assume o comando do estado com plenos poderes concedidos pelo parlamento italiano e, durante esse período baseou o estado fascista no corporativismo, no intervencionismo econômico e no expansionismo militar.

Durante todo período de governo de Benito Mussolini na Itália, a Europa viveu sob a ameaça de expansão desse modelo totalitário, principalmente durante toda a década de 1930. O modelo fascista atingiu outros países europeus como a Espanha de Francisco Franco e Portugal de Salazar. Países de outros continentes também sofreram influências das ideias fascistas, como o Brasil de Getúlio Vargas que demonstrou simpatia e adotou características autoritárias em seu governo.

Em geral, se entende por Fascismo um sistema autoritário de dominação que é caracterizado: pela monopolização da representação política por parte de um partido único de massa, hierarquicamente organizado; por uma ideologia fundada no culto do chefe, na exaltação da coletividade nacional, no desprezo dos valores do individualismo liberal e no ideal da colaboração de classes, em oposição frontal ao socialismo e ao comunismo, dentro de um sistema de tipo corporativo; por objetivos de expansão imperialista, a alcançar em nome da luta das nações pobres contra as potências plutocráticas; pela mobilização das massas e pelo seu enquadramento em organizações tendentes a uma socialização política planejada, funcional ao regime; pelo aniquilamento das oposições, mediante o uso da violência e do terror; por um aparelho de propaganda baseado no controle das informações e dos meios de comunicação de massa; por um crescente dirigismo estatal no âmbito de uma economia que continua a ser, fundamentalmente, de tipo privado; pela tentativa de integrar nas estruturas de controle do partido ou do Estado, de acordo com uma lógica totalitária, a totalidade das relações econômicas, sociais, políticas e culturais. (BOBBIO, 1998, p. 466).

Em Bobbio (1998), podemos entender que o sistema fascista se caracterizou pela progressiva transformação do Estado liberal em um Estado de características totalitárias, portanto, antidemocrático, com os poderes concentrados em um líder, que preservava a ideologia nacionalista a partir da extrema valorização da cultura própria em detrimento das demais, as quais eram consideradas inferiores. Esse sistema defendia a expansão imperialista em nome da luta de nações empobrecidas contra as potências mais ricas. Também são marcas do sistema fascista o fortalecimento militar como forma de impor seu poder, o uso da censura como forma de coibir qualquer tipo de críticas e, ainda, forte uso da propaganda para divulgar suas ideologias.

Lima (2007) citando Umberto Eco (1995), esclarece que há várias maneiras de ser fascista e menciona que podemos recorrer a outro conceito para tratar do assunto, o profascismo, uma versão pós-moderna do fascismo que troca a ação violenta e truculenta por uma versão que busca reforçar o carisma do líder ganhando a simpatia dos seus adeptos e seguidores.

[...] trocou a violência, a truculência e o desprezo em ato organizado pelos mais fracos, e agora vive – ou sobrevive – com: uma retórica agressiva, o carisma do líder, bem jogar o jogo da política e operar as relações sociais visando reforçar a simpatia dos seus militantes e atrair simpatizantes para sua causa. Podem até parecer espontâneas e ingênuas, mas suas ações políticas têm o propósito tático de ocupar todos os espaços institucionais, começando por substituir técnicos por militantes da “onda” (lembrando o filme de mesmo nome), calculando o efeito dos slogans e palavras de ordens, vigiando e delatando opositores, catequizando corações e mentes, etc. O profascista goza com as frases de efeito e vibra com o teatrinho de uma revolução ficcionada. (LIMA, 2007).

A atitude autoritária, inerente ao fascismo e ao profascismo, pode ser encontrada e identificada nas relações entre pessoas dentro da nossa sociedade e, no caso específico deste estudo, em alguns ambientes escolares. Quando se busca a defesa da democracia e a existência de uma sociedade mais humanizada e justa, as atitudes autoritárias precisam ser contidas sempre que identificadas.

A ESCOLA E SEUS IN GROUPS

Reino e Endo (2011) afirmam que Freud, em 1918, ao desenvolver a noção de *narcisismo das pequenas diferenças*, evidencia que existe uma hostilidade inerente e constante nos vínculos humanos, relaciona a noção de diferenças entre as pessoas e a impossibilidade de se unirem fazendo uso da parábola de Schopenhauer, 1851.

Em um gelado dia de inverno, os membros da sociedade de porcos-espinhos se juntaram para obter calor e não morrer de frio. Mas logo sentiram os espinhos dos outros e tiveram de tomar distância. Quando a necessidade de aquecerem-se os fez voltarem a juntar-se, se repetiu aquele segundo mal, e assim se viram levados e trazidos entre ambas as desgraças, até que encontraram um distanciamento moderado que lhes permitia passar o melhor possível. (REINO; ENDO, 2011, p. 20).

O frio aparece como a impossibilidade de viverem sozinhos e os espinhos a impossibilidade de se unirem, podemos fazer um paralelo aos grupos existentes nas escolas públicas de educação básica e ao seu sucesso e insucesso determinados a partir do estabelecimento de índices a atingir e metas a cumprir.

As escolas públicas de educação básica, de uma forma geral, buscam o sucesso do cumprimento de metas pré-estabelecidas pelos órgãos governamentais, através dos sistemas de avaliação externa existentes nas escolas de educação básica do país, direcionadas para as redes de ensino público.

As avaliações educacionais externas em larga escala são uma realidade no país desde a década de 1990, com a implantação do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb). A consolidação do Saeb em nível nacional possibilitou que os sistemas de ensino pudessem ser avaliados e comparados quanto ao aprendizado de seus alunos, e não apenas quanto à capacidade de atendimento por meio da expansão da rede de ensino. (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2005 apud ALVES; SOARES, 2013, p. 179).

A participação da comunidade e o alcance das metas estabelecidas, aferidas por meio de avaliações impostas pelo governo, geram satisfação e reconhecimento pela sociedade em geral. Do outro lado, escolas que não alcançam os índices pré-estabelecidos precisam apresentar respostas para suas supostas e impostas falhas, mas o que permanece nelas é a sensação de ineficiência e de culpa, a sensação de dever não cumprido, não importando o quanto foi efetivamente realizado, pois nesse momento o que determina a vitória e a derrota são números. Ações de inclusão e de socialização dos alunos, entre outros elementos vitais para a escola, não são objeto de aferição e não compõem os índices que determinam o sucesso ou o insucesso das práticas.

Freud (1974, p. 81) inicia sua obra *Mal Estar na Civilização* afirmando que:

É impossível fugir à impressão de que as pessoas comumente empregam falsos padrões de avaliação – isto é, de que buscam poder, sucesso e riqueza para elas mesmas e os admiram nos outros, subestimando tudo aquilo que verdadeiramente tem valor na vida. No entanto, ao formular qualquer juízo geral desse tipo, corremos o risco de esquecer quão variados são o mundo humano e sua vida mental. Existem certos homens que não contam com a admiração de seus contemporâneos, embora a grandeza deles repouse em atributos e realizações completamente estranhos aos objetivos e aos ideais da multidão.

Não ser admirada por não ter atingido metas revela-se um peso muito grande para a equipe escolar e a culpa passa a ser individualizada. Ao professor da turma mal avaliada é atribuído o rótulo de que não ensinou direito, ao coordenador pedagógico o de não ter acompanhado o trabalho do professor da turma e ao diretor da escola é dado o rótulo de alheio aos processos de ensino-aprendizagem de sua escola.

Para se eximir da culpa imputada individualmente, e diante dos acontecimentos e cobranças, os indivíduos organizam-se em grupos, e na busca por proteção, en-

contram o distanciamento moderado para se acomodarem com seus espinhos, como na parábola de Schopenhauer.

Os grupos, mais fortes que os indivíduos, tão logo formados, buscam se impor perante os demais grupos, não necessariamente fazendo uso da razão, mas da coação e da instabilidade que geram nos demais, para os quais apontam o dedo, atribuindo-lhes culpa pelo insucesso de todos.

Um grande espaço de observação nas escolas é a sala dos professores, na qual é possível identificar, com maior ou menor intensidade, a divisão da equipe de trabalho em grupos e a superioridade de um sobre o outro, não apenas quando se trata de resultados de avaliação externa, mas também em assuntos como projetos pedagógicos, retenção de alunos, regras da escola ou participação em greves.

A teoria de Freud joga luz sobre a distinção disseminada e rígida entre o amado in-group e o rejeitado out-group. Por toda nossa cultura, esse modo de pensar e se comportar acabou sendo considerado tão auto-evidente que a questão sobre por que as pessoas amam o que lhes é semelhante e odeiam o que lhes é diferente raramente é discutida de modo suficientemente sério. (ADORNO, 1951, p. 178).

A sala dos professores não é, contudo, o único espaço caracterizado pela existência de grupos. Eles estão presentes entre os alunos, entre os funcionários, entre os pais, enfim, onde houver pessoas compartilhando espaços e disputando interesses haverá grupos.

Os funcionários das escolas, por sua formação escolar e padrão salarial, geralmente se autointitulam menos valorizados, o que faz com que tenham uma forte tendência a constituir um grupo, subdividido ou não, que se blinda contra os demais e, para assegurar alguma influência, demonstra fidelidade e admiração ao Diretor da escola, cuja autoridade pode ser importante para fazer valer seus interesses contra *outgroups* que, de alguma forma, lhe causam desconforto, como alunos tidos como infratores, pais questionadores e professores vistos como relapsos.

A imagem do líder gratifica o duplo desejo do seguidor em se submeter à autoridade e ser ele mesmo essa autoridade. De resto isso se encaixa bem em um mundo no qual ainda existe controle irracional, apesar dele não ter mais convicção interior, perdida graças ao esclarecimento universal. As pessoas que obedecem aos ditadores sentem que eles são supérfluos, resolvendo essa contradição assumindo que são elas mesmas os cruéis opressores. (ADORNO, 1951, p. 177).

Entre os alunos podemos encontrar muitas situações de formação de grupos, ou da transformação de indivíduos em massa, com o intuito do autoritarismo. Nesse processo de massificação, o indivíduo troca a individualidade pela força e adquire a sensação de poder, desconsiderando a possibilidade de ser responsabilizado pelas suas atitudes. Como ressalta Adorno (1951, p. 177) existe o “[...] ‘truque da unidade’.

Eles salientam suas diferenças em relação aos de fora e as minimizam dentro de seu próprio grupo.”

Nesta última década, um tema muito debatido nas escolas tem sido o *bullying*. Mesmo antes da difusão dessa denominação, a discriminação e ofensas com apelidos humilhantes advindos das diferenças raciais, de situação financeira e de deficiências físicas ou mentais sempre foram comuns em qualquer época e contexto social, inclusive nas escolas.

Bullying é um termo da língua inglesa que pode ser traduzido como assédio moral, originado de *bully*, que em inglês significa valentão. É utilizado para todas as formas de atitudes agressivas verbais ou físicas, intencionais, repetitivas e sem motivação evidente. É exercido por um grupo, incentivado pelo seu líder, com o intuito de intimidar e agredir outra pessoa, causando-lhe dor e constrangimento, sem deixar-lhe possibilidades de se defender, pois a relação de forças entre as partes é desigual.

A adoção universal do termo bullying foi decorrente da dificuldade em traduzi-lo para diversas línguas. Durante a realização da Conferência Internacional Online School Bullying and Violence, de maio a junho de 2005, ficou caracterizado que o amplo conceito dado à palavra bullying dificulta a identificação de um termo nativo correspondente em países como Alemanha, França, Espanha, Portugal e Brasil, entre outros. (LOPES NETO, 2005, p. S165).

Nas escolas, o *bullying* costuma ocorrer em lugares sem a supervisão de um responsável: nas salas de aula durante a troca de professores, nos pátios, nos banheiros e nos portões durante a entrada ou saída dos alunos. As formas de agressão são as mais diversas, como empurrões, pontapés, insultos, criação e divulgação de apelidos e histórias vexatórias, captação e difusão de imagens e mensagens nas redes sociais que implicam em situações humilhantes, de ameaças e de exclusão da pessoa.

O ganho narcisista fornecido pela propaganda fascista é óbvio, ao sugerir de maneira contínua e às vezes de modo tortuoso que, apenas por pertencer ao grupo, o seguidor é mais puro, melhor e superior do que aqueles que estão de fora. Além disso, acontece assim que qualquer espécie de crítica ou tomada de consciência acaba sendo sentida como uma perda e, como tal, algo que desperta raiva. (ADORNO, 1951, p. 181).

A propaganda exercida pelo líder, mesmo que parecendo uma simples brincadeira de difamação de um colega de escola, é fundamental na destruição do alvo a combater. O fortalecimento do grupo sugere superioridade aos seus integrantes, que para dedicar fidelidade ao seu líder despertam raiva contra a vítima, que passa a ser vista como um inimigo comum a todos.

Em vez de atuar com violência explícita, os protofascistas se autorizam praticar microviolências ou violências invisíveis cujos efeitos são danosos às suas vítimas, a médio e longo prazo; operam através do marketing (político, comercial, religioso) onde manipulam o desejo das pessoas (o espaço religioso fundamentalista cristão,

judaico e islâmico é o solo fértil do profascismo). É extraído um gozo sádico do mal-estar entre pessoas, de semear a confusão de idéias, de fazer da contradição e do paroxismo um empreendimento de efeitos hipnóticos. (LIMA, 2007).

Segundo Lima (2001), o fascismo não é perigoso apenas enquanto praticado pelo Estado, mas é perigoso também, quando está presente nas violências invisíveis e sem sangue que acontecem no dia a dia. Apesar de agir de forma perversa, o indivíduo pode parecer agir de forma inconsciente, mas, inconsciente ou não, não assume e nem se responsabiliza pelo seu ato fascista, busca sempre negá-lo.

Na escola percebemos essa atitude com frequência, quando o agressor se apresenta na defensiva, rejeitando o que é diferente e imediatamente explicando seus atos com acusações prontas contra o agredido. A justificativa se pauta no narcisismo, a necessidade de que o outro seja igual, seja seu espelho.

O DIRETOR DE ESCOLA E A LIDERANÇA AUTORITÁRIA

Diante do já exposto, a respeito da existência dos vários grupos e da disputa de poder que se estabelece na escola, é fundamental destacar o papel do Diretor e sua liderança. Por se tratar de um profissional titular ou nomeado para um cargo de chefia, mesmo que busque uma gestão democrática, o Diretor ainda é visto por alguns como o detentor ou o centralizador do poder e, em determinados casos, faz jus a essa imagem.

[...] da relação dinâmica entre teoria e prática, os conceitos – poder, burocracia e controle – adquiriram uma conotação pejorativa nos dois âmbitos, ao se associarem à ideia de autoritarismo e manutenção das relações injustas da sociedade capitalista. No imaginário permaneceu (ou permanece) a associação entre poder e autoritarismo, controle e fiscalização, burocracia e morosidade do processo educativo. (MAIA; MACHADO, 2007, p. 6-7).

Apesar do trabalho que vem sendo feito nas últimas décadas pelos órgãos governamentais, inclusive denominando o Diretor de Escola como Gestor Escolar e implantando mecanismos para que a gestão esteja voltada para o trabalho em equipe, o Diretor ainda carrega o estigma do cargo, e conseqüentemente a responsabilização, a *accountability*. Esse estigma e essa individualização de responsabilidade na pessoa do diretor, tanto pelos seus subalternos quanto por seus superiores, podem estar, portanto, na gênese de atitudes autoritárias, que certamente variam de acordo com o apetite que o ocupante do cargo tem pelo poder.

O Diretor, em alguns casos, assume um papel fascista perante “sua” escola, o que pode ser exemplificado, com atitudes que podem ocorrer como mascarar resultados de avaliação, aprovação e retenção, selecionar matrículas de alunos e orientar de forma ameaçadora a transferência dos considerados inconvenientes, pressionar

professores e funcionários que não atendem suas expectativas a se inscreverem em processo de remoção e até mesmo ignorar orientação dos seus superiores e, diante da ausência ou ineficiência de supervisão, fazer à sua maneira, como se a escola fosse sua propriedade e não fizesse parte de um sistema de ensino.

[...] A segunda forma é o fascismo paraestatal: a usurpação de prerrogativas estatais (de coerção e de regulação social) por atores sociais muito poderosos, que, escapando a todo controle democrático, neutralizam ou suplementam o controle social produzido pelo Estado. (SANTOS, 2010).

A presença de um diretor centralizador na escola é uma ameaça à democracia, pois possibilita a perpetuação de grupos que, combatendo entre si, buscam o poder. Quando, porém, a gestão democrática se estabelece, o afastamento do autoritário pode gerar a sensação de desamparo em algumas pessoas que, ao mesmo tempo, o amam e o odeiam. Amam porque o veem como protetor, e odeiam porque cerceia a sua liberdade, apontando o dedo e indicando os culpados a serem combatidos. Maquiavel (1980) afirma que ao Príncipe é importante ser amado e temido, porém, é melhor ser temido que amado, pois o amor é um sentimento volúvel e inconstante, já que as pessoas podem naturalmente mudar sua lealdade, mas, o medo de ser punido é um sentimento que não pode ser modificado ou ignorado facilmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazendo uma análise mais detalhada da história, é possível considerar que as situações de conflitos nas escolas de educação básica podem se alternar com outras de maior ou menor relevância, podendo assumir um caráter autoritário e até narcisista, daí sua contextualização com “A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista”, texto escrito por Theodor W. Adorno em 1951.

Partindo da leitura do texto de Adorno e refletindo sobre as situações de conflitos escolares até aqui expostas, é possível também considerar que os personagens da escola e as gestões escolares podem se alternar entre manifestações ora mais autoritárias, ora menos autoritárias e, em outros momentos, com características democráticas mais evidentes.

É importante a clareza de que, apesar do contexto histórico em que estão inseridos, os conflitos escolares refletem diretamente a forma como são conduzidos, e o Diretor, em sua função de líder, pode adotar postura democrática ou autoritária de inspiração fascista; pode administrar de forma a amenizar conflitos, conciliando interesses de sua comunidade, ou administrar impondo as suas vontades na busca de soluções que considera, em análise personalíssima, serem as mais adequadas.

Relembrando que Umberto Eco (1995) afirma existirem várias formas de fascismo, o que pode ser constatado em vários momentos da história e em situações do

nosso cotidiano, é preciso também lembrar que cabe a nós cidadãos, denunciar, combater e trabalhar em prol de uma sociedade mais justa e democrática, se assim a desejamos.

MATHIAS, Sônia de Lourdes Assuino. The Freudian Theory of Fascist Group Formation According to Adorno and Authoritarianism in School. *Educação em Revista*, Marília, v. 17, n.1, p. 91-100, Jan.-Jun. 2016.

ABSTRACT: The goal, drawn from literature, of this paper is to discuss the formation of totalitarian groups in public elementary schools and its contextualization with “Freudian Theory and the Pattern of Fascist Propaganda”, written by Theodor W. Adorno in 1951, addressing the ingroup and the goal of elimination the outgroup elements. Many people, while in a constant search for admiration and recognition of their acts, live with the presence of the accountability imposed to the group and to the individual. The text seeks to demonstrate the conflicts originated in schools are recreated with time and are constantly moving, and might be administrated either in a democratic manner or with an authoritarian, fascist character by people in the school's routine.

KEYWORDS: School. Fascism. Groups.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. *Psychoanalysis and the social sciences*. Traduzido por Francisco Rüdiger. Frankfurt: Editora Surhkamp Verlag, 1975.

ALVES, Maria Teresa Gonzaga; SOARES, José Francisco. Contexto escolar e indicadores educacionais: condições desiguais para a efetivação de uma política de avaliação educacional. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 177-194, jan./mar. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022013000100012>. Acesso em: 12 mar. 2015.

BOBBIO, Norberto et al. *Dicionário de política I*. Traduzido por João Ferreira. Brasília, DF: Ed. da UNB, 1998.

ECO, Umberto. A nebulosa fascista. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 14 de maio 1995. Caderno Mais!

FREUD, Sigmund. *O mal estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

LIMA, Raymundo de. As “Chaves” do Protofascismo. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 7, n. 79, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/079/79lima.htm>> Acesso em: 12 mar. 2015.

LIMA, Raymundo de. Tolerância zero ao Protofascismo. *Revista Espaço Acadêmico*, ano 1, n. 4, set. 2001. Disponível em: <[http://www.espacoacademico.com.br/004/04 ray.htm](http://www.espacoacademico.com.br/004/04_ray.htm)>. Acesso em: 12 mar. 2015.

MACHIAVELLI, Niccolò di Bernardo dei. *O Príncipe*. Traduzido por Roberto Grassi. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

MAIA, Graziela Zambão Abdian; MACHADO, Lourdes Marcelino. *Administração da educação e poder: imaginário e práxis*, 2007. Disponível em <[http://www.anpae.org.br / congressos_antigos/simposio2007/167.pdf](http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2007/167.pdf)>. Acesso em: 15 fev. 2015.

LOPES NETO, A. A. Bullying. *Jornal de Pediatria*, Porto Alegre, v. 81, n. 5, p. S164-S172, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06>>. Acesso em: 14 fev. 2015.

REINO, Luiz Moreno Guimarães; ENDO, Paulo Cesar. Três versões do narcisismo das pequenas diferenças em Freud. *Trivium*, v. 3, n. 2, p. 16-27, 2011. Disponível em <<http://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-ii-ano-iii/artigos-tematicos/tres-versoes-do-narcisismo-das-pequenas-diferencas-em-freud.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Os fascismos sociais*. São Paulo: Instituto Norberto Bobbio, 2010. Disponível em <<https://norbertobobbio.wordpress.com/2010/11/07/os-fascismos-sociais>>. Acesso em: 15 fev. 2015.

Enviado em: 31/03/2015.

Aprovado em: 15/02/2016.